

## O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS SEM TERRINHA E SUA RELAÇÃO COM A ARTE

### THE PROTAGONISM OF THE 'SEM TERRINHA' CHILDREN AND THEIR RELATIONSHIP WITH ART

**Daniela de Jesus Souza**

[daniela.js23@gmail.com](mailto:daniela.js23@gmail.com)

Universidade NOVA de Lisboa

**Ana Carolina de Sousa Castro**

[anacarolina000@gmail.com](mailto:anacarolina000@gmail.com)

Universidade de Brasília - UnB

#### **Resumo:**

Este artigo propõe analisar o protagonismo das crianças e adolescentes, os *sem terrinha*, no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e sua relação com a arte. A pesquisa se insere no âmbito de um projeto de pesquisa e extensão que visa potencializar o protagonismo das crianças por meio de ações artístico-pedagógicas. No projeto, a relação com o MST foi estabelecida a partir de participação em encontros do Movimento e da experiência em oficinas de teatro junto as crianças do acampamento Marias da Terra, localizado na Rota do Cavalo, em Sobradinho, no Distrito Federal. Partindo da escuta das crianças e das observações em campo, o artigo propõe o diálogo com pesquisadores como Augusto Boal, Edna Rosseto, Márcia Ramos, Rafael Villas Bôas e Autor para debater as infâncias no Movimento. Também são apresentadas as experiências vividas pelas pesquisadoras durante os encontros com as crianças, pontuando a reverberação das ações na coletividade das crianças do Marias da Terra, entendendo assim suas vivências.

**Palavras-chave:** Sem Terrinha, MST, protagonismo, arte, educação.

#### **Abstract:**

This article proposes an analysis of the role of children and adolescents, known as *sem terrinha*, in the Landless Workers' Movement (MST) and their connection to art. The research is part of a broader research and outreach project to enhance children's agency through artistic-pedagogical activities. Within the project, a relationship with the MST was established through participation in Movement gatherings and experiences in theater workshops with children from the Marias da Terra encampment, located on the Horse Route in Sobradinho, Federal District. Based on listening to the children and conducting field observations, the article engages with researchers such as Augusto Boal, Edna Rosseto, Márcia Ramos, Rafael Villas Bôas, and the Author to discuss childhood within the Movement. The article also shares experiences lived by the researchers during their interactions with the children, highlighting the impact of these activities on the collective life of the Marias da Terra children, thereby gaining insight into their experiences.

**Keywords:** Sem Terrinha, MST, protagonism, art, education

## INTRODUÇÃO

Engana-se quem remete a vivência acadêmica somente às experiências vividas dentro das paredes da Universidade. Um dos maiores privilégios que tivemos, ao longo da Graduação em Artes Cênicas, foi o de nos aproximar do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Desde 2018 estabelecemos uma parceria com o MST a partir do projeto “Crianças Protagonistas: artes cênicas e diversidade cultural em escolas do DF”, e pudemos colaborar com o 1º Encontro Nacional dos Sem Terrinha em Brasília – DF (Ana Carolina de Sousa), assim como em outras oportunidades<sup>1</sup>. Neste artigo, nossa proposta é entender como a arte pode ser um veículo para a expansão da voz de diversos setores da sociedade, da sua diversidade, das suas lutas e das suas opressões, com foco especial para as crianças

Esta pesquisa se deu junto ao acampamento do MST Marias da Terra<sup>2</sup> que estava localizado na Rota do Cavalo, em Sobradinho (DF). Em 2018, o acampamento Marias da Terra contava com aproximadamente 140 famílias organizadas em grupos de base que desempenhavam diversas funções distribuídas em setores/coletivos.

Percebe-se que existe no MST uma preocupação com a educação de todos os seus acampados, principalmente de suas crianças e adolescentes: os sem terrinha. Edna Rosseto, doutora em Educação do Campo e Desenvolvimento e membro do setor de educação do MST-SP, nos explica que “foram as crianças quem colocaram a educação na agenda do Movimento Sem Terra, antes mesmo da sua fundação em 1984” (2016, p.34) uma vez que elas sempre estiveram presentes nos acampamentos, nas reuniões, nos eventos e nas diferentes manifestações organizadas pelo movimento, surgindo assim a identidade *criança sem terra* e a necessidade de uma educação que abrangesse a sua vivência desde sua perspectiva.

Em 2018, participamos do I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha em Brasília com a oferta de uma oficina de Teatro do Oprimido. Naquela ocasião, pudemos observar e participar com as crianças de atividades artísticas, culturais, além de debater questões para além da reforma agrária, como luta pela escola e alimentação saudável (Hartmann, De Sousa e Castro, 2020). Além desse encontro no qual o debate era pautado pelas próprias crianças,

---

<sup>1</sup> Além da iniciativa que apresentamos neste artigo, tivemos a oportunidade de vivenciar outras experiências fora dos muros da universidade, como na disciplina Construção de Projetos Multidisciplinares, ministrada pela professora Enaile do Espírito Santo Adanza na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Devido a recentes eventos, é necessário pontuar que infelizmente a gestão do acampamento sofreu um golpe durante a pandemia de covid-19, onde foi retirada a bandeira do movimento, militantes sofreram ataques e muitas famílias tiveram que ser realocadas. Antes do golpe de gestão, o acampamento era localizado na Rota do Cavalo, em Sobradinho, Distrito Federal

estivemos presentes em outros encontros do movimento nas Cirandas<sup>3</sup>, espaços destinados às crianças.

Nosso projeto tinha como premissa o protagonismo das crianças através de jogos teatrais, brincadeiras tradicionais e brinquedos não-estruturados<sup>4</sup>, e foi a partir deste princípio que a pesquisadora Daniela Souza construiu seu plano de trabalho, que previu a realização de uma oficina de teatro com as crianças, uma vez por semana, em um período de cinco meses. A oficina foi discutida e planejada com as lideranças do acampamento Marias da Terra antes de sua execução.

Além das oficinas, fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre a relação do MST com as diversas esferas da arte e com ofício teatral, o protagonismo dos sem terrinha no movimento e as ações do MST no que se trata da educação dessas crianças. Inicialmente se pretendia a criação de um espetáculo a ser apresentado na Escola Classe Sítio das Araucárias, além de outras trocas com a instituição, tendo em mente que essa era a escola mais próxima ao acampamento e onde maior parte das crianças estudava. Porém, por diversos motivos que serão descritos adiante, esse resultado não chegou a ocorrer. Valorizando o processo como um todo, este artigo pretende analisar, a partir de uma perspectiva etnográfica-performativa (Hartmann, De Sousa e Castro, 2020), os desdobramentos desta experiência artístico-pedagógica partilhada com as crianças sem terrinha do acampamento Marias da Terra, assim como as descobertas que se revelam às pesquisadoras adultas ao entrar em contato com algo que todo mundo já foi: criança.

## O MST e a arte como ferramenta de luta

Em sua trajetória de reivindicação da reforma agrária e de uma sociedade mais justa e igualitária, o MST encontrou na arte uma ferramenta de posicionamento e afirmação de suas lutas, em que se observa “uma práxis cultural do MST enraizada em seu modo de vida como sujeito coletivo e em diálogo com experiências culturais históricas de outros movimentos e

---

<sup>3</sup> As Cirandas Infantis são espaços lúdico-pedagógicos dentro dos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Entre outras responsabilidades, a Ciranda tem o objetivo de reforçar a educação das crianças, assim como sua inserção no Movimento e seu senso de coletividade.

<https://mst.org.br/2020/03/07/ciranda-garante-diversao-e-formacao-para-criancas-no-encontro-das-mulheres-sem-terra/>

<sup>4</sup> Brinquedos fabricados com materiais variados (recicláveis, objetos da natureza etc.) que estimulam a criatividade da criança. Não possuem uma finalidade ou uso predefinido, permitindo que as crianças utilizem a imaginação para definir como serão usados.

lutas sociais” (Bôas; Canova, 2022, p 9) na qual a arte também se insere de maneira pedagógica na construção da identidade Sem Terra (Reyes, 2017). Por esse motivo que uma vez levantada a proposta de analisar a vivência de crianças e adolescentes dentro da comunidade rural, é possível identificar como as diferentes vertentes artísticas (o teatro, a pintura, a poesia, a música) vem sendo utilizadas pelo Movimento como proposta de fazer ecoar sua voz.

Desde sua fundação, no ano de 1984, o MST aglutina diversos artistas e pesquisadores por se mostrar um movimento que valoriza as manifestações artístico-culturais para catalisar as transformações sociais. Adentrando em um recorte histórico entre a relação do MST e as diversas ramificações das artes da cena, temos um encontro importante entre dois agentes: o encontro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra com o Teatro do Oprimido. O método foi desenvolvido por Augusto Boal (1931-2009), diretor e dramaturgo brasileiro que teve contato direto com lideranças do MST, o que acabou configurando uma parceria de cinco anos entre o Centro de Teatro do Oprimido (CTO) e o Movimento. Rafael Villas Boas, pesquisador da área, explica:

Boal não pretendia apenas fazer teatro para o MST, mas, nos termos da educação popular, se dispôs a fazer teatro com o MST, se propondo a dar forma teatral aos problemas do movimento e transferindo as técnicas para que elas fossem usadas de acordo com as demandas e interesses do MST. (2013, p. 287).

Um dos principais motivos pelo qual o Teatro do Oprimido (TO) se mostrou tão conectado às demandas o MST foi por permitir expressar as vivências reais do Movimento, tendo em vista que este é constantemente atacado pela mídia hegemônica, que costuma exibir visões completamente equivocadas sobre o que constitui luta dos Sem Terra. Além disso, o TO propõe uma atitude ativa do espectador e o jogo em cena proposto é bastante distinto de uma simples proposta de entretenimento. Como por exemplo, podemos citar técnicas do TO como o Teatro Tribunal (Boas, 2013), com formato de simulação de julgamento onde ocorre o debate de assuntos referentes à comunidade, ou o Teatro Fórum, no qual o próprio espectador pode tomar o lugar do oprimido. A preocupação do Teatro do Oprimido está em pensar em conjunto com os espect-atores<sup>5</sup> formas de transformar as situações de opressão.

Por mais que o contato com o TO tenha sido fundamental para o desenvolvimento de uma linguagem artístico-teatral do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Marcia Nóbrega, doutora em Antropologia Social com pesquisa voltada para os movimentos sociais,

---

<sup>5</sup> Termo utilizado no Teatro do Oprimido para designar os espectadores que ao serem instigados pela encenação, assumem um papel ativo ao entrar em cena e propor caminhos de enfrentamento às opressões.

nos explica que “para marcar um ponto de vista diferenciado, surge a necessidade de produzir outra gramática que interprete outros conteúdos” (2006, p.46) fazendo com que o Movimento amplie seus estudos no campo teatral, incorporando premissas do Teatro Épico de Brecht e assim construindo uma linguagem teatral própria do MST. Esta levou à criação do primeiro coletivo de teatro do movimento: a Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré. A militante Jailma Lopes nos explica mais sobre esse processo:

Essas ações culminaram, em 2005, com a maior ação teatral do Movimento, o Teatro Procissão, reunindo 270 militantes do coletivo de cultura durante a Marcha Nacional do MST, onde contou com cerca de 12 mil marchantes. Nesse processo foram formados no Brasil 40 grupos de teatro do MST, envolvidos nas pautas de luta e da conjuntura. Esses grupos formaram a Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré e, desde então, o trabalho com o teatro tem se reafirmado nos processos de formação, organização e luta, seja nos territórios, nas Brigadas de Agitação e Propaganda ou na relação com a sociedade. (Lopes, 2019).

Nesse sentido, entendemos que a relação entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e as diferentes vertentes teatrais vem se expandindo cada vez mais, o que fica demonstrado nas pesquisas que os próprios artistas e militantes no Movimento têm realizado. Hoje o MST conta, segundo Nóbrega, com aproximadamente “30 grupos teatrais distribuídos por diversas regiões do país, que trabalham ou não com as técnicas do Teatro do Oprimido” (Nóbrega, 2006, p.48). A discussão sobre a importância da arte na luta pela terra seguiu firme mesmo durante a pandemia da COVID-19, como pode ser visto no programa Café com MST, transmitido no dia 13 de julho de 2020 via Youtube, no qual se discutiu o tema Resistência Artística e Cultural<sup>6</sup>.

Ampliando agora o recorte previamente feito, não podemos nos esquecer das diversas manifestações artísticas que podem ser encontradas dentro da mística do MST. Segundo o olhar de Fabiano Coelho (2014), doutor em história com pesquisa voltada para temas como o MST, a reforma agrária e a luta pela terra, a mística se constitui como uma prática do MST, “uma espécie de ritual e celebração que acontece de diversas maneiras e com significados e sentidos variados” (p.19). O momento da mística pode conter elementos teatrais, música, recitação de poesia, entre outras manifestações simbólicas. Realizada dentro dos acampamentos e em outros lugares, reuniões, debates ou congressos, onde o MST marque sua presença, a mística está “relacionada com o cotidiano dos sujeitos e sobretudo com os objetivos, as visões de mundo e os valores privilegiados pela organização do Movimento.” (Coelho, 2014, p. 20). Sua constante prática é o que leva o MST a afirmar em documentos que “a linguagem teatral no

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=4tC99XRAMfE>

movimento não se inicia com a criação do coletivo de cultura em 2001, mas que, pelo contrário, é parte constituinte das práticas do movimento” (Nóbrega, 2006, p.48). Coelho (2014) também explica a importância da mística no movimento ressaltando que ela teve, desde o início do Movimento, o papel de “fazer com que os indivíduos se sentissem bem na luta pela terra e na organização do MST, não deixando o desânimo prevalecer” (p.114).

Ao frequentarmos os encontros, as marchas ou os eventos dos acampamentos, é fácil encontrar elementos que nos remetem às linguagens artísticas, como as artes visuais, a música, a dança e as artes cênicas que, inseridas no contexto da luta, contribuem para dar um novo sentido, uma nova força.

Para voltar as ações realizadas pelo Movimento durante a pandemia, é necessário pontuar que o MST continuou reafirmando a importância da arte na insistência de um futuro melhor, ensinando o valor da militância. Foram vários os projetos criados pelo grupo naquele período, dentre os quais se ressaltam três no contexto apresentado: a relação do MST com as artes. O primeiro é o projeto Desenhar em Tempos de Quarentena<sup>7</sup>, proposta que reúne desenhos de diferentes assentados, que foram postados nas diferentes plataformas online do movimento. O segundo é a primeira edição da Escola Virtual de Artes João das Neves<sup>8</sup>, que promove vídeo aulas postadas na plataforma *youtube* e que tem como viés a formação de novos artistas do movimento. A terceira foi o lançamento do primeiro clipe de rap<sup>9</sup> do MST Pedagogia da Pandemia, organizado pela Frente de Música do MST João do Vale, lançado no dia 22 de abril de 2020.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra utiliza da arte para reforçar sua presença sociopolítica. Vale ressaltar que, por mais que tenham começado somando-se ao movimento camponês pela reformulação das leis agrárias, hoje suas pautas se estendem a outras lutas sociais, como a defesa dos direitos da comunidade LGBTQIA+. Quando a manifestação popular nas ruas é por uma causa justa, que defenda a garantia dos direitos dos e das trabalhadores/as rurais, provavelmente haverá uma bandeira do MST balançada em meio à multidão.

---

<sup>7</sup> <https://mst.org.br/2020/04/23/desenhar-em-tempos-de-quarentena-mais-uma-acao-do-mst-no-combate-ao-covid-19/>

<sup>8</sup> <https://mst.org.br/2020/04/15/durante-quarentena-mst-realiza-a-escola-virtual-de-artes-joao-das-neves/>

<sup>9</sup> <https://mst.org.br/2020/04/22/mst-lanca-clipe-de-rap-sobre-pandemia-do-coronavirus/>

## Os sem terrinha e seu papel no movimento

O MST reconhece o protagonismo de suas crianças ao respeitar o espaço delas dentro da luta. Edna Rosseto (2016) explica como esse processo é catalisador da construção da identidade dos sem terrinha. Segundo ela, “com esse pertencimento e resistência na luta pela terra é que as crianças sem terra se afirmam como sendo parte de um movimento social e percebem que integram a organicidade, constroem sua identidade e são lutadores e lutadoras” (p.167). A vivência dos sem terrinha anda junto da resistência à opressão sofrida pelo MST, e dá lugar a pautas que fazem a sociedade não só voltar seus olhos para as crianças que habitam no meio rural, mas para todas em geral.

Como a criança sem terra esteve sempre presente nos episódios que constituem a história do MST, logo sua participação ficou cada vez mais ativa, com sua representatividade sendo apoiada pelo fomento à educação no Movimento. Márcia Ramos (2013, p. 76) explica que, não desconsiderando a importância da educação dentro do ambiente escolar, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra “considera educativo todos os espaços ocupados pelas crianças, sendo que a depender da intencionalidade e ação dos sujeitos envolvidos pode contribuir para reproduzir ou questionar a sociedade em questão”. A autora também discorre sobre os espaços que foram delineados dentro da luta pela terra graças ao protagonismo dos Sem Terrinha, dos quais ressaltamos aqui dois: a Ciranda Infantil e os Encontros dos Sem Terrinha.

No contexto da vivência e organização dos acampamentos, o espaço da Ciranda tem grande importância, sendo promovido também nos diferentes Encontros Sem Terra, onde é chamada de Ciranda Itinerante. Edna Rosseto (2006, p.57) explica como a Ciranda Itinerante da Marcha de 2005 marcou a história do protagonismo sem terrinha. Segundo a autora “as dificuldades vivenciadas pelas crianças na Ciranda Itinerante da Marcha de 2005 levaram o Movimento a olhar mais para as crianças Sem Terra e a se perguntar qual o lugar delas no MST”. Ao se referir ao espaço da Ciranda, Márcia Ramos (2013, p. 81) a define “como um território da infância no MST, um espaço que ela pode ocupar e criar suas referências. É a partir desse espaço coletivo que outras vertentes da vida da criança se interpenetram”. No recorte da presente pesquisa, foi no espaço da Ciranda que tivemos o primeiro contato com o MST, durante a disciplina Construção de Projetos Multidisciplinares, em 2018. O projeto desenvolvido na disciplina desembocou na reconstrução do espaço da ciranda dentro do Marias da Terra, com ajuda dos dirigentes, acampados, e também dos sem terrinha.

Em relação aos Encontros dos Sem Terrinha, sua organização demarca um posicionamento específico do Movimento em relação às infâncias, como explica Ramos:

A proposta de realização dos Encontros dos Sem Terrinha nasce como um contraponto à visão mercadológica da data de comemoração do dia da criança no Brasil. No Movimento, o mês da criança é comemorado misturando festa, brincadeiras, estudos e luta. Realizados desde 1994, inicialmente foram chamados de Congresso Infante-Juvenil. Em 1997, passam a ser chamados de Encontros dos Sem Terrinha. Estes possuem caráter regional e/ou estadual e sempre procuram manter uma relação entre festividades e luta. Sempre massivos, por vezes são realizados nas capitais dos estados ou nos municípios. (Ramos, 2013, p. 79)

Além de proporcionar uma grande troca de experiências entre crianças de diferentes regiões do Brasil, nos Encontros são redigidas cartas, manifestos e outros documentos que são endereçados a órgãos do governo responsáveis pela execução de tais demandas (Rudi, 2018, p. 6-7). Este é o caso da carta lida ao então Ministro da Educação José Henrique Paim, no VI Congresso Nacional do MST em 2014:

Nós somos sem terrinha de acampamentos e assentamentos de todo o Brasil e estamos participando do VI Congresso Nacional do MST e da Ciranda Infantil Paulo Freire. Viemos protestar pelos nossos direitos, por Reforma Agrária e lutar por um Brasil melhor. Tem gente que tem preconceito com os Sem Terra e com os sem terrinha. Nos acampamentos e assentamentos do MST tem animais, pessoas, escolas, árvores e plantações. A plantação é muito importante para nós, não tem como viver sem alimentos. O agronegócio é apenas uma monocultura, é uma coisa que só planta uma lavoura. Para que as plantas não estraguem é preciso usar muito veneno, que trazem doenças e perda da qualidade da comida. No agronegócio tudo é mercadoria! Já nos acampamentos e assentamentos plantamos para comer e para vender para o povo da cidade. É uma policultura, há várias plantações e criações de bichos. Lá tem macaxeira, feijão, milho, melancia, galinha, bode, gado e suíno. E não precisa usar veneno, porque com a criação de bichos pode diminuir bastante os besouros e as lagartas que estragam as plantações. As terras são todas roçadas para poder plantar.<sup>10</sup>

Destaca-se que a identidade sem terrinha não se resume somente a quem vive nos acampamentos e assentamentos. No grupo de crianças com as quais trabalhamos no Acampamento Marias da Terra, percebemos que algumas delas dividiam sua vivência entre o campo e a área urbana. Portanto, a denominação *sem terrinha* abrange crianças “que vivem nos acampamentos e nos assentamentos e que estão em área rural, mas também crianças que não vivem em áreas rurais” (Rudi, 2018, p. 6). Para ser considerado sem terrinha, a criança e sua família devem ser parte do MST, mas não necessariamente compartilhar da totalidade da experiência de viver no campo. Rudi também nos explica que “as crianças do Movimento seguem, portanto, a mesma diversidade que se encontra atualmente no próprio MST, que não se reduz à imagem recorrente de acampados e assentados e nem ao mundo rural” (2018, p. 6),

---

<sup>10</sup> <https://www.cut.org.br/noticias/manifesto-dos-sem-terrinha-a-sociedade-brasileira-b4d1>

assim a luta pelo respeito à diversidade também passa a ser uma pauta. Além disso, as crianças Sem Terrinha são consideradas como um “sujeito coletivo, histórico e político dentro do projeto da Reforma Agrária Popular” (Ramos, 2023, p. 116), ou seja, ser sem terrinha significa ser uma criança com um espaço de escuta e participação no movimento.

### **A experiência com as crianças do Marias da Terra**

Como já explicado, o objetivo das oficinas era compreender, mediante a realização de atividades artísticas, e mais especificamente oficinas de teatro, como se dava o processo identitário das crianças Sem Terrinha que moravam no Acampamento Marias da Terra do MST, localizado em Sobradinho – DF. Após duas reuniões com dirigentes de campo e integrantes dos setores de saúde, formação, educação e JCC (juventude, comunicação e cultura) para apresentar o plano de trabalho, foi determinado que os encontros tivessem uma duração de três horas e seriam ministrados aos domingos no espaço da Plenária do Acampamento, ao longo de cinco meses. Essas oficinas seguiam a estrutura básica abaixo:

1. Narração de uma história e diálogo com as crianças
2. Realização de Brincadeiras e jogos teatrais relacionados à história
3. Atividade manual relacionada à história
4. Criação de novas histórias pelas crianças
5. Jogo do *limão*<sup>11</sup>

Essa metodologia de encontro com as crianças vem sendo desenvolvida no Grupo de Pesquisa “Crianças Protagonistas: artes cênicas e diversidade cultural em escolas do DF” (Hartmann, De Sousa e Castro, 2020) com ênfase em uma etnografia performativa (Hartmann, De Sousa e Castro, 2020), que pressupõe que as crianças podem ser co-pesquisadoras durante todo o processo por meio de práticas artístico-pedagógicas. Com o tempo fomos adaptando essa estrutura de acordo com as necessidades do grupo. O momento dedicado às brincadeiras, por exemplo, se transformou ao fim da experiência em uma das marcas principais da reunião com os sem terrinha do Marias da Terra. Através da proposição de brincadeiras depois da narração de contos, as crianças começaram a achar seu lugar e voz no espaço.

---

<sup>11</sup> O jogo do limão se trata de um jogo de contação de histórias em que se canta a música: “o limão entrou na roda, ele passa de mão em mão, ele vai, ele vem, ele ainda não chegou e no meio do caminho alguém pegou”. Quem estiver com o limão quando a música acaba, conta uma história.

### Histórias contadas e ouvidas

Um dos exercícios mais utilizados durante os encontros no Marias da Terra foi a contação de histórias. Foram recolhidos contos, lendas e outras narrativas com temática infantil, que enfatizassem o contato com a natureza e valores comunitários. Dessa maneira, as crianças do Marias da Terra tiveram contato com histórias populares como por exemplo O caçador de Forno Grande<sup>12</sup>, O caçador e a loba<sup>13</sup>, e A cobra e o rato<sup>14</sup>, todos contos populares que tratam sobre o poder da amizade. As histórias foram escolhidas durante a elaboração do plano pedagógico, e narradas no início de cada oficina. Dos contos, surgiram diversas ideias de brincadeiras por parte dos sem terrinha: pique pega de um pé só, corrida de um pé só, pique-pega agachado e brincadeiras com corda. Essa dinâmica também ajudava os alunos a se organizarem e se respeitarem na hora de participar.



**Figura 1-** Desenho pela aluna Beatriz. Fonte: autoria própria

<sup>12</sup> <https://portal-dos-mitos.blogspot.com/2023/07/o-cacador-de-forno-grande.html>

<sup>13</sup> A lenda do caçador e da loba narra a história de um caçador implacável que encontra uma loba solitária. Ao segui-la, ele descobre que ela tenta proteger seus filhotes, o que desperta sua compaixão. Em vez de matá-los, o caçador abandona a caça e passa a respeitar a natureza. Em algumas versões, a loba é uma mulher amaldiçoada, e o ato de misericórdia do caçador quebra a maldição. A lenda simboliza a transformação pela compaixão e a reconciliação entre o homem e a natureza.

<sup>14</sup> <https://www.recantodasletras.com.br/infantil/5399645>

Por meio de uso de materiais como papel, cartolina, tinta e massinha de modelar, pudemos explorar a criação e expressão das crianças. O desenho acima foi da aluna Beatriz<sup>15</sup> (10 anos), que criou, a partir de sua pintura, uma história sobre as consequências de arrancar pétalas de flores:

Era uma vez um homem que plantou uma flor e regou, regou e regou. E um dia ela nasceu. Nasceu e se tornou muito grande. As pessoas queriam arrancar todas as pétalas e vendê-las porque queriam muito dinheiro. Mas um dia aconteceu uma tragédia, porque eles arrancaram e aconteceu uma maldição. Eles ficaram treze dias sem comer, sem beber e sem nada. (Beatriz, 2018)

Outra aluna que adorava o momento de criação de histórias era Ana Maria<sup>16</sup> (10 anos), que muitas vezes ajudava sua irmã Ana Luiza<sup>17</sup> (5 anos) a criar/adaptar e contar histórias para a turma após o exercício de elaboração de desenhos, como foi o caso da história da Linda Rosa Juvenil: “era uma vez uma rosa que se chamava Bela Juvenil, um dia veio uma bruxa má e adormeceu a Bela Rosa Juvenil. Um dia veio um belo príncipe e despertou a Bela Rosa Juvenil, e depois ficaram felizes”.

### Explorando o acampamento



**Figura 2-** Dia da expedição pelo acampamento. Fonte: Daniela Souza, 2018.

<sup>15</sup>Os nomes das crianças mencionadas no artigo são fictícios.

<sup>16</sup> Nome fictício.

<sup>17</sup> Nome fictício.

Por mais que gostassem de desenhar e pintar, as crianças foram se cansando das histórias. A pesquisadora Daniela Souza então propôs outros jogos do Teatro do Oprimido, porém ainda assim não se sentiram envolvidas. Com esses desafios, Daniela organizou uma expedição pelo acampamento. A proposta era que eles pudessem apresentar os elementos que compunham seu espaço. Foram as próprias crianças que montaram o roteiro da expedição, que ao final proporcionou também muitas fotos do grupo, feitas também pelas crianças. A longo da caminhada ela foram apresentando o acampamento, que tem cajuzinho, calango, diferentes tipos de casas, várias flores diferentes, que no terreno vizinho tem um pavão e demonstraram também um receio de chegar até a plantação, onde finalizava a expedição. Esse medo surgia de histórias que as crianças contavam entre si sobre essa parte do acampamento, narrando que ali poderiam ser encontrados animais perigosos como onças, escorpiões, entre outros.

Para fixar a experiência, fizemos a brincadeira *Na minha mala tem...*, onde se cria uma grande lista de objetos que as crianças repetem e memorizam. O resultado foi: no acampamento tem árvore, cavalo, cachorro, gato, casa, bandeira, galo, calango e carro. Repetimos essa brincadeira algumas vezes até que todos lembrassem a sequência.

Depois de 3 semanas, tendo já trabalhado a criatividade e com um grupo mais consolidado, começamos a trazer mais elementos do Movimento para os encontros. Logo uma problemática surgiu: ao perguntar às crianças o significado da sigla MST, seu objetivo e o porquê de as famílias das crianças morarem no acampamento, a resposta obtida foi um simples não sei. Pedimos então que pesquisassem em casa, com familiares, na escola, tudo que pudessem sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra para que pudessem discutir a importância de eles viverem ali onde viviam.

Usando materiais disponibilizados pelo projeto, nas oficinas que deram sequência a expedição, propusemos que os sem terrinha encontrassem perto da região da plenária (local onde eram realizadas as aulas) elementos que eles consideravam definir o local onde residiam. Eles trouxeram galhos, pedras, folhas, flores e sementes e junto fizemos um trabalho em grupo no qual o exercício era criar um mural respondendo à pergunta: O que o Acampamento Marias da Terra significa para vocês?. Muitas das respostas estavam relacionadas ao envolvimento com a terra, a plantação. Mateus<sup>18</sup>, de 11 anos, respondeu que “o acampamento significava uma luta”, e fez um chapéu de marinheiro e um navio para colocar no mural.

---

<sup>18</sup> Nome fictício.



**Figura 3-** Mural construído em grupo. Fonte: Daniela Souza, 2018.

Nos últimos encontros retomamos a questão de conversar sobre o Movimento. E dessa vez as crianças trouxeram outras respostas. Explicaram sobre as plantações, sobre a reforma agrária, sobre a luta pela terra. A maioria dos alunos adquiriu tais informações consultado seus pais ou outros parentes, além de lideranças do acampamento. Para o aquecimento, focamos em duas brincadeiras utilizadas em aulas de teatro que são *caça-caçador* e *cão e osso*<sup>19</sup>. Ambas trabalhavam ritmo, foco e controle corporal. As crianças mostraram contentamento em agregar essas duas brincadeiras ao seu repertório, e as aprenderam muito facilmente. Para trabalhar a expressividade e o entendimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra propusemos uma brincadeira de imagem e ação, na qual dois times escolheriam uma pessoa que por meio de gestos, sem palavras, deveria fazer-lhes adivinhar a palavra que a pesquisadora havia proposto. Algumas das palavras foram: plantação, acampamento, luta e semear. Também foi importante retomar a questão do respeito entre si, do cuidado e da escuta,

<sup>19</sup> A brincadeira 'caça-caçador' é uma variação do clássico 'pique-pega', onde a 'caça', para ser salva, deve pular por cima dos outros jogadores que estarão agachados pelo espaço, escolhendo alguém novo para se tornar caçador e invertendo os papéis. Já em 'cão e osso', os dois jogadores estão vendados procurando por um objeto dentro de um espaço delimitado. O primeiro que o encontrar deve, ainda, acertá-lo em seu oponente.

fator que melhorou bastante desde o começo das oficinas e que marcou o olhar de algumas crianças sobre o processo.



**Figura 4** - Exercício imagem e ação. Fonte: Daniela Souza, 2018.

Ao final da oficina, o foco foi na conexão das crianças com os outros moradores do acampamento por meio da escuta e registro de suas histórias e vivências. Elas seriam repórteres guiadas em duplas até algumas casas para anotar alguns depoimentos sobre a vida no acampamento. Após isso, nos reunimos e escutamos as histórias ouvidas e/ou registradas por cada dupla. A atividade foi um sucesso. As crianças descobriram sobre a funcionalidade de certos setores, como o objetivo por trás da construção da Ciranda. Também ouviram histórias de como alguns conhecidos chegaram ao acampamento, de quanto tempo as famílias estavam naquele território e sobre o porquê de elas terem escolhido se juntar ao Movimento. No encontro seguinte construímos uma maquete do acampamento com massa de modelar. Nesta trabalhamos princípios visuais tanto da estrutura espacial na qual as crianças vivem, como também de cores e formas encontradas naquele ambiente. As crianças ainda criaram dois

outros murais resumindo tudo que aprendemos juntos durante esse tempo. Ícaro<sup>20</sup> (11 anos), escreveu em um dos murais: “aprendi a brincar sem brigar”.

### **Considerações Finais**

Seja na área rural ou urbana, o trabalho com crianças é desafiador. Ele coloca a nós, educadoras, diante um espelho e mostra nossas diferentes facetas, expectativas, medos, e debilidades que muitas vezes só conseguiremos resolver na prática e na convivência durante as aulas/encontros. Não importa o quão preparada sua aula seja, quão letrado você é ou quantos livros sobre pedagogia você já sublinhou: uma criança tem o poder de desmontar toda sua armadura de professor/a e te fazer ter que improvisar, criar e se divertir com ela em situações que ninguém imagina que podem acontecer. Trata-se de um encontro com sua criança, também. Você não se relaciona só com elas, mas também com os pais, com a estrutura da família, com a criação que lhes é dada, com o meio na qual vivem, com as histórias construídas nas escolas onde estudam, com os preconceitos sociais, com limitações físicas e psíquicas, fatores que somados e incluídos no caminho da pesquisa em educação, representam os desafios com as quais você terá de lidar para conseguir alcançar os objetivos propostos.

Na proposta de nossa pesquisa constavam o foco no trabalho com os jogos de Boal, uma produção final a ser apresentada em uma escola do DF e o plano de levantar algumas pesquisas envolvendo os acampados. Na teoria, as palavras se organizam e fluem de uma forma que pode parecer fácil, mas a prática leva as vogais e consoantes a tomarem outras formas.

De fato, durante os encontros foram realizados alguns jogos do Teatro do Oprimido. No acampamento Marias da Terra, as crianças se atraíram por estruturas lúdico-educativas como as de teatro-fórum<sup>21</sup>, ou jogos em dupla como Hipnotismo Colombiano (Boal, 2015), porém se dispersaram em jogos que achavam complicados, como é o caso de Jana Cabana. Já em outros contextos, como no Encontro dos Sem-Terrinha de 2018, os jogos do TO tiveram adesão integral. Os contextos, as crianças, os encontros são diversos, e justamente por isso entendemos que por meio da etnografia performativa podemos atingir uma verdadeira escuta e partilha com as crianças, construindo com elas formas de jogar, brincar e contar histórias, entendendo, assim, um pouco mais sobre seu universo e seus saberes políticos e estéticos. Ainda que não se

---

<sup>20</sup> Nome fictício.

<sup>21</sup> Em mais de uma ocasião, quando surgia um embate entre as crianças ou outro conflito durante os encontros, analisávamos a situação em modelo de teatro-fórum para que as crianças pudessem dar seu ponto de vista sobre o que aconteceu, criando pensamento crítico e propondo soluções.

tenha desenvolvido na íntegra o plano previsto inicialmente, consideramos que foi utilizada a Estética do Oprimido como práxis pedagógica (Hartmann, De Sousa e Castro, 2020), pois os princípios do TO estiveram presentes na apropriação da imagem, do som e da palavra pelas crianças através das atividades diversas, e por meio destas houve um reconhecimento do contexto que vivenciam e dos seus papéis no Movimento.

Os Sem Terrinha do Marias da Terra encontraram na pintura, nas brincadeiras e na contação de histórias um espaço para mostrar o que entendiam sobre si mesmas e sobre o acampamento. Nos divertimos e aprendemos junto com elas a cada nova proposta. Não foi possível levar um resultado às escolas, mas tivemos no Marias da Terra um espaço semanal para as crianças se reunirem, brincarem e aprenderem no acampamento. Nele pudemos debater sobre suas identidades, como se veem como grupo e compreendem na luta com suas famílias e companheiros.

A vontade da montagem de um espetáculo em formato de teatro-fórum, no entanto, permaneceu. Então no último encontro uma situação aconteceu durante uma das brincadeiras, onde uma criança ofendeu uma de suas companheiras, e para analisar o ocorrido e resolver o desentendimento montamos um fórum com júri e testemunhas para analisar o caso. Vimos a potencialidade de criar algo para ser apresentado para um grupo maior em um momento futuro, com mais tempo de encontros. No entanto, a maior conquista do projeto foi o próprio processo de diálogo e aprendizado mútuo que se desenvolveu ao longo dos encontros com as crianças sem terrinha, assim como aprendemos a contornar os problemas caminhando com as crianças do Marias da Terra pelo acampamento, entendemos também que, por meio de uma arte que busca a transformação social e crítica, em consonância com a práxis pedagógica do MST, podemos ampliar os espaços de voz e escuta.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

COELHO, Fabiano. **A alma do MST: a prática da mística e a luta pela terra**. Dourados: Editora UFGD, 2014.

GARCEZ, Mariana Bastos. **Arte e cultura popular em projetos educacionais para movimentos sociais : as experiências do MST e do MTST**. TCC (Artes Visuais). UNESP, São Paulo, 2021.

HARTMANN, Luciana; DE SOUSA, Ribeiro Jonielson; CASTRO, de Sousa Ana Carolina: **Luta pela Terra, Performance e Protagonismo Infantil no I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha** (Brasília – 2018). Tomo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia / Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe. – n. 37, p. 253-286, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21669/tomo.vi37>

LOPES, Jailma. **Como enraizar a cultura da luta através do teatro?** Página do MST. Disponível em: <https://mst.org.br/2019/06/06/como-enraizar-a-cultura-da-luta-atraves-do-teatro/>. Acesso em 19 de julho de 2020.

NÓBREGA, Márcia. **Peça pra falar, palco pra ocupar: encontros entre o MST e o teatro.** 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2006.

OLIVEIRA, Thiago Menezes de; SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino. Cultura e infância sem-terrinha: a construção ordinária da vida de crianças como obra de arte. In: ROCHA, Nara Maria Forte Diogo; COSTA, Marcelle Arruda Cabral; COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da; PINHEIRO, Francisco Pablo H. A. (orgs). **Na aldeia, na escola, e no museu: alinhavos entre infância e trabalho docente.** Fortaleza: EdUECE, 2016. p.113-139. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/34492>

RAMOS, Márcia Mara. **A significação da infância em documentos do MST.** Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 09, n. 2, pags.73 – 95, jul/dez. 2013

RAMOS, Márcia Mara. **A participação das Crianças Sem Terrinha na luta pela terra e reforma agrária no Brasil.** Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências, [S. l.], v. 12, n. 01, p. 96-118, 2023. DOI: 10.22481/rbba.v12i01.12592.

REYES, Ana Carolina. A arte de revolucionar: arte e ação educativa no MST1. Acesso Livre, n. 7, p. 51-69, jan./jun. 2017.

ROSSETO, Edna Rodrigues Araújo. **Organização do trabalho pedagógico nas Cirandas Infantis do MST: lutar e brincar faz parte da escola de vida dos Sem Terrinha.** Tese (Doutorado em Educação). Campinas, UNICAMP, 2016.

RUDI, Luciana de Matos. **Os Encontros das Crianças Sem Terrinha e o seu lugar na luta do MST.** Anais da 31a Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/2019/02/01/anais-31a-rba/>

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. **MST conta Boal: do diálogo das Ligas Camponesas com o Teatro de Arena à parceria do Centro do Teatro do Oprimido com o MST.** Revista do

Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n.57, p. 277-298, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i57p277-298>

VILLAS BÔAS, R. L., & CANOVA, F. Quando Camponeses Entram em Cena: trabalho teatral do MST e a interface com a linguagem audiovisual. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, 9(4), 01–29, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-266091022>

Artigo submetido em 31/08/2024, e aceito em 03/11/2024.